

Voz, expressão e canção: A juventude urbana e o rock nacional dos anos 1980

Voice, expression and song: urban youth and national rock of the 1980's

Aline do Carmo Rochedo

CAP- UERJ

rochedoaline@hotmail.com

Resumo: As bandas de rock brasileiras nos anos 1980 tinham em comum o fato de serem formadas por jovens que, em suas canções, imprimiram parte da memória musical da geração diretamente afetada pelo período de ditadura. As composições destes grupos registram o retrato social de uma época e o perfil sócio cultural do país que voltava a viver uma democracia. Nas letras são identificadas vivências de um processo de transição, tanto na esfera política, quanto na vida pessoal. O resultado desta movimentação pode ser visto como uma redefinição da música brasileira: expressão e voz do jovem através das canções do rock.

Palavras-Chave: Rock- História-Juventude

Abstract: Brazilian rock bands of 1980's had in common they were formed by young people who printed in their songs part of the musical memory of a generation directly affected by dictatorship. These groups' songs record the social portrait of an age and the socio-cultural profile of a country that was returning to live in a democracy. In the lyrics are identified experiences of a transition process, both in political sphere and in personal life. The results of this movement can be seen as a redefinition of Brazilian music: expression and voice of youth through rock songs.

Key words: Rock, History, Youth

E por que o rock?

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa realizada durante o Mestrado em História, na Universidade Federal Fluminense, intitulado “Os filhos da Revolução” a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980. Na dissertação de mestrado analisei a trajetória do rock nacional a partir do momento em que este gênero é associado aos jovens, ocupando uma posição central na indústria fonográfica e na mídia internacional e nacional.

As letras, apesar das variações existentes entre o perfil das bandas, imprimiam domínios comuns. Os músicos/compositores, que em sua maioria tinham entre 18 e 24 anos, cresceram e foram educados no período de maior repressão do regime civil-militar. Não chegaram a enfrentar o regime diretamente, mas sofreram os impactos provocados por ele.

Apesar do AI-5 ter sido abolido em 1979, a censura não havia cessado. Desta forma, tanto os músicos quanto produtores de televisão e escritores deveriam continuar enviando suas obras para Brasília e aguardar a autorização.

O conteúdo transgressor, nesta nova abordagem do rock, é percebido a partir de temas polêmicos para o período como sexo, drogas, violência. Estes novos valores identificam a preocupação com a liberdade de expressão e com estilo de vida. A letra “Será”, escrita por Renato Russo em 1979, expressa esta inquietação contrária a qualquer forma de dominação:

Tire suas mãos de mim /Eu não pertencço a você/Não é me dominado assim
/Que você vai me entender/Eu posso estar sozinho /Mas eu sei muito bem
aonde estou/Você pode até duvidar /Acho que isso não é amor./Será isso só
imaginação?/Será que nada vai acontecer?/Será que é tudo isso em vão?/Será
que vamos conseguir vencer?/ (“Será”, Letra de Renato Russo “Álbum 1”,
Legião Urbana, 1985.)

A letra de Geração Coca-Cola, de Renato Russo na qual, de certa forma, imprimiu a imagem da juventude do período. Em “Geração Coca-cola”, o letrista mostra a contradição da sociedade que, durante os anos de repressão, mantinha os meios de informação e formação dos jovens fechados, ao mesmo tempo em que lhes exigia uma determinada competência política. Uma crítica à sociedade e ao governo. Nesta perspectiva, a primeira parte da música marca a passividade da sua geração onde os sujeitos estavam submetidos a uma situação de opressão. Um dos temas que aparecem na canção é a presença do domínio da cultura americana, isso emerge no próprio nome da canção e na referencia a uma absorção de uma cultura massiva através dos “enlatados”, categoria que no Brasil, remete tanto às comidas não saudáveis quanto às séries de televisão.

Quando nascemos fomos programados/A receber o que vocês nos
empurraram/Com os enlatados dos USA, de 9 as 6./Desde pequenos nós
comemos lixo/Comercial e industrial/Mas agora chegou nossa vez/Vamos
cuspir de volta o lixo em cima de vocês.Somos os filhos da revolução/Somos
burgueses sem religião/Nós somos o futuro da nação/Geração Coca-Cola.

Nos versos seguintes, o jovem é retratado protagonista de uma atitude ativa frente sua realidade. Nesta composição se pode observar a construção da identidade da geração que se autodenomina “filhos da revolução” ao qual receberam passivamente as informações políticas

e culturais do governo, mas essa passividade havia chegado ao fim. A geração que começava a entrar na vida pública devolveia o que tinha aprendido:

Depois de vinte anos na escola/Não é difícil aprender/Todas as manhas do
jogo sujo/Não é assim que tem que ser?/Vamos fazer nosso dever de casa/E
aí então, vocês vão ver/Suas crianças derrubando reis/Fazer comédia no
cinema /om as suas leis./Somos os filhos da revolução/Somos burgueses sem
religião/Nós somos o futuro da nação/Geração Coca-Cola.(Geração Coca-
Cola” letra de Renato Russo. 1978. “Álbum Legião Urbana”, 1985)

Nesta esfera de compositores juvenis, os letristas se destacam pelo vasto volume de canções que dão conta de um universo jovem característico deste período, evidenciando seus valores, posturas, emoções, atitudes e preferências. Assim, é importante considerar as condições em que foram as músicas compostas, como seus autores as pensaram e com que finalidade a compuseram.

O Cotidiano

O cotidiano, de certa forma, engloba os demais temas. Falar do cotidiano é evidenciar essa às temáticas da vida da cidade, nas aventuras ocorridas: “nós éramos os personagens principais das canções, Nossos temas tinham a importância de virar uma canção e tocar nas rádios”. (Entrevista com Evandro Mesquita, compositor e cantor da Blitz, realizada por Aline Rochedo em 25 de outubro de 2009)

As bandas oriundas de Brasília captam esse cotidiano de rua onde estes jovens letristas costumavam se movimentar. Retratam a relação conflituosa que tinham com a cidade. O Distrito Federal, conhecido como uma cidade sem opções de entretenimento fazia com que o sonho da maioria dos adolescentes fosse montar uma banda para tocar nos circuitos alternativos: “O aborrecimento colaborou para que buscássemos a música. Em Brasília havia muitos grupos de teatro, de música MPB, de dança, punk, etc.” (Entrevista com Dado Villa Lobos, guitarrista e compositor da banda Legião Urbana, realizada pela autora em outubro de 2009)

A crítica às instituições repressoras que sustentavam o sistema na realidade urbana é um dos temas centrais da banda Plebe Rude que aborda a cidade de Brasília explorando

indícios de violência e abandono em suas representações: O concreto já rachou, ou seja, a proposta não deu certo.

Capital da esperança/(Brasília tem luz, Brasília tem carros)
Asas e eixos do Brasil /(Brasília tem mortes, tem até baratas)
Longe do mar, da poluição /(Brasília tem prédios, Brasília tem máquinas)
/mas um fim que ninguém previu
(Árvores nos eixos a polícia montada) /(Brasília), Brasília
(...) A morte traz vida e as baratas se arrastam /(Utopia na mente de alguns...)
/Os prédios se habitam as máquinas param
As árvores enfeitam e a polícia controla /(Utopia na mente de alguns...)/Oh..
O concreto já rachou!(...) (“Brasília”, composição Plebe Rude. Álbum “O concreto já rachou”. Plebe Rude, 1985.)

A violência é representada como um dado quase indissociável à vida das metrópoles. A convivência com o medo, pelo aumento da violência urbana, traz consequências para estes jovens. Estes elementos permeiam o cotidiano destes jovens roqueiros e aparecem em letras como na canção “Música Urbana”, da Legião Urbana: (...) Os PM's armados e as tropas de choque vomitam música urbana/E nas escolas as crianças aprendem a repetir a música urbana./Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana. (“Música Urbana” letra de Renato Russo/1979. Álbum Dois, Legião Urbana, 1986).

A crítica às instituições repressoras que sustentavam o sistema e compunha a realidade dos jovens foi assunto das músicas, em especial, das oriundas de Brasília e São Paulo. As imagens da cidade e da sociedade revelam traços negativos da convivência. A letra de “Veraneio Vascaína”, que sobrou do espólio do grupo Aborto Elétrico, composta por Flávio Lemos e Renato Russo, gravada posteriormente pela banda Capital Inicial, questiona o papel do policial na relação com a sociedade, oriunda das experiências concretas de seus autores. A letra remete a episódios que ocorriam durante a “Rockonha”, festa mesclada de rock e maconha. Segundo Dado Villa Lobos, a polícia dividiu os jovens presentes entre os que eram filhos de militares e os demais. Renato Russo rememorou o momento em que os policiais invadiram:

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio/Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho/Com números do lado, dentro dois ou três tarados/Assassinos armados, uniformizados/Veraneio vascaína vem dobrando a esquina/Porque pobre quando nasce com instinto assassino

Sabe o que vai ser quando crescer desde menino/Ladrão pra roubar, marginal
pra matar/Papai eu quero ser policial quando eu crescer. (...)
("Veraneio Vascaína", letra: Renato Russo. Álbum "Capital Inicial", 1986)

Os jovens criticavam a ação policial e faziam das canções a sua própria linguagem. A banda Titãs, na letra da canção "Polícia", traduz a aversão à suposta proteção oferecida, representada pela polícia. A canção foi escrita inspirada no episódio em que Tony Bellotto e Arnaldo Antunes foram presos com heroína. Arnaldo passou 26 dias na prisão e ambos foram condenados. O cantor por tráfico (por ter passado heroína para o guitarrista), e Bellotto, por porte de droga. Sem antecedentes criminais e trabalho declarado, cumpriram a pena em liberdade.

Dizem que ela existe pra ajudar /Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar /Eu sei que ela pode te prender
Polícia para quem precisa /Polícia para quem precisa de polícia
Dizem pra você obedecer /Dizem pra você responder
Dizem pra você cooperar /Dizem pra você respeitar
Polícia para quem precisa /Polícia para quem precisa de polícia.
("Polícia", letra de Tony Bellotto. Álbum "Cabeça Dinossauro". Titãs, 1986.)

A dimensão presente nos discursos das letras retrata uma polícia que persegue, invade shows, dificulta o deslocamento e que em alguns casos, usara a força bruta em situações desnecessárias. Outro exemplo desta temática está registrado na letra de "Patrulha Noturna" dos Paralamas do Sucesso. Nela, sem a preocupação de uma linguagem refinada, o adolescente é retratado numa situação de marginalidade e conflito policial: "A relação com a polícia era o mais distante possível. Tínhamos medo das Blitz do mal e driblávamos tentando passar por elas". (Entrevista com Evandro Mesquita, compositor e cantor da Blitz, realizada por Aline Rochedo em 25 de outubro de 2009)

Eu reconheço que sou marginal/Eu colo nas provas da escola/Eu gosto de
ver nu frontal/Qual é seu guarda/Que papo careta
Só tô tirando chinfra /Com a minha lambreta/Polícia é fogo, meu
chapa/Combate o crime de verdade/Prende os garotos de moto
Pra moralizar a cidade.(Patrulha Noturna, letra de Herbert Vianna. Álbum
"Cinema Mudo". Paralamas do Sucesso, 1983)

A vida destes artistas foi marcada pela presença das drogas, não apenas as ilícitas, como maconha e cocaína, mas também aquelas socialmente aceitas como o álcool e o cigarro. As festas estavam associadas ao uso delas, e tal prática, a princípio, parecia propiciar

vitalidade e emoção para alguns jovens: “Tínhamos um sítio em Petrópolis e íamos muito pra lá. Lá inclusive que as doideiras com drogas também se proliferaram com a galera enorme que frequentava”. (Entrevista com Rodrigo Santos)

A vida até parece uma festa/Em certas horas isso é o que nos resta
Não se esquece o preço que ela cobra/Às vezes é muito caro...
Em certas horas isso é o que nos sobra/ficar frágil feito uma criança
Só por medo ou por insegurança/Ficar bem ou mal acompanhado
Não importa se der tudo errado/Às vezes qualquer um
Faz qualquer coisa/Por sexo, drogas e um pouco de diversão
Tudo isso (tudo isso)/Às vezes só aumenta meu irmão
A angústia e a insatisfação/Às vezes qualquer um enche a cabeça de
álcool/Atrás de distração, mas eu digo: Nada disso (nada disso)
Às vezes diminui a dor e a solidão. (“Diversão”. Letra: Sérgio Britto e
Nando Reis. Álbum: “Jesus não tem dentes no país dos banguelas”. Titãs,
1987.)

Na cidade, a busca e o acesso a uma modernidade tecnológica, a paixão pela música e o uso de drogas foram componentes constituintes de alguns destes grupos de rock. Segundo Shapiro (2006), as drogas estavam ao alcance dos que trabalhavam na indústria da música. Muitos dos músicos que foram ou são consumidores crônicos de drogas não haviam adquirido o hábito se não fossem as vicissitudes do negócio como declara Renato Russo: “Depois que você faz sucesso, todos te oferecem, aparecem traficantes de plantão. Experimentei de tudo, mas sempre terminava em álcool e tranquilizantes. No bar e na farmácia”. (RUSSO, 1996:161). A letra de “Conexão Amazônia”, escrita em 1980, por causa da temática, ficou proibida pela censura até 1987: “Os tambores da selva já começaram a rufar/A cocaína não vai chegar/A cocaína não vai chegar/Conexão amazônica está interrompida/Yeah, Yeah, Yeah,(...). (“Conexão Amazônica” letra: Renato Russo. Álbum “Que País é Este”. Legião Urbana, 1987)

Os letristas evidenciam a realidade de muitos jovens que buscavam nas drogas a adrenalina em transgredir. Todavia, a tensão entre as substâncias que “ajudam a libertar” a inspiração e as energias criativas ao mesmo tempo conduzem os melhores músicos a autodestruição. Nem todos os jovens que formavam as bandas confirmavam seu envolvimento com drogas. Como relata Bruno Gouveia, da banda Biquíni Cavado, formada em 1983 no Rio de Janeiro e tendo seu primeiro álbum lançado em 1986:

Nunca senti vontade de me envolver com drogas. Eu sempre fui muito careta mesmo com as minhas doideiras no palco. Me julgavam porque eu só cantava com mangas compridas porque era uma influência da Inglaterra, e as pessoas achavam que era para esconder os “picos”. E eu levava susto quando ouvia essas coisas. (Entrevista com Bruno Gouveia, compositor e vocalista da banda Biquíni Cavado. Realizada por Aline Rochedo em 17 de setembro de 2009)

O discurso sobre as drogas oscilava e as letras eram ambíguas com interpretações de aprovação, desaprovação, gozo e tristeza: “eu não quero mais ficar usando drogas, aponto de perder o fio da meada. Tudo que é excesso não presta. Teve fase que eu precisei usar drogas para funcionar. Agora eu quero ficar com os pés no chão”. (RUSSO, 1996:154)

Você com as suas drogas/E as suas teorias/E a sua rebeldia/E a sua solidão/Vive com seus excessos/Mas não tem mais dinheiro. Prá comprar outra fuga/Sair de casa então. (“A Dança” letra de Renato Russo. “Álbum Legião Urbana”, 1985).

Ainda na esfera da cidade, os meios de comunicação foram citados em forma de crítica gerida pelos letristas do rock brasileiro. Tal apreciação esteve ligada a influência midiática, em especial pela televisão, que fora um dos principais meio de comunicação dos lares desde os anos 1970: “A televisão me deixou burro, muito burro demais / Agora todas coisas que eu penso me parecem iguais.” (“Televisão”, letra: Marcelo Fromer / Tony Bellotto / Arnaldo Antunes. Álbum “Televisão”, Titãs 1985.)

Cresci e apareci e não vi nada/ Aprendi o que era certo com a pessoa errada/Assistia o jornal da TV/ E aprendi a roubar prá vencer/Nada era como eu imaginava/Nem as pessoas que eu tanto amava”. (“O Reggae”, letra: Renato Russo. Álbum 1, Legião Urbana, 1985).

Exceto a ênfase que é dada a violência urbana, a cidade aparece na linguagem da canção como o lugar do movimento e do encontro. O desejo de aventura se entrelaça ao cotidiano dando lugar para as relações pessoais afetivas. O fascínio que a aventura exerce sobre os jovens é registrado no primeiro hit dos Paralamas do Sucesso: “Vital e Sua Moto”,

inspirada em um episódio da adolescência do letrista com seu amigo Vital, baterista que tocou nos primeiros ensaios e amigo de faculdade de Bi Ribeiro:

Vital andava a pé e achava que assim estava mal/De um ônibus pro outro aquilo para ele era o fim/ Conselho de seu pai: "Motocicleta é perigoso, Vital./É duro de negar, filho, mas isto dói bem mais em mim Mas vital comprou a moto e passou a se sentir total/Vital e sua moto, mas que união feliz0Corria e viajava era sensacional (...)
("Vital e sua moto", letra de Herbert Vianna. Álbum "Cinema Mudo". Paralamas do Sucesso, 1983).

No movimento urbano do Rio de Janeiro, a linguagem coloquial inteiramente voltada para situações banais do "cotidiano dos jovens cariocas" como as referências a botecos, namoros, "chopes e batatas fritas" é características das letras da banda Blitz. O humor combinando aos jogos cênicos, canto e oralidade propiciaram uma empatia imediata entre os jovens. A letra de "Você não soube me amar" trazia a novidade do canto falado e a narrativa numa letra que era puro discurso de rua, sobre o passeio de um casal, e que se transformou em dialeto corrente em todo o país. "Ok, você venceu, batata frita", "Eu tava nervoso" e "Nada, nada, nada" foram adaptadas ao linguajar jovem. O cotidiano é descrito através de elementos que captam os momentos da vida destes jovens. Na necessidade da liberdade e autonomia, o lugar da casa passa a ser a cidade, com seus problemas, prazeres e sua intensa movimentação. Os bares, os encontros, a linguagem da rua projetam uma nova forma de socialização. E o processo de autonomia gera conflitos nas relações afetivas manifestados nas canções.

Família

A esfera familiar é representada pela rotina, pela autoridade dos pais em relação à vida dos filhos. A família dos envolvidos com o rock conviveu com inserção de novos hábitos como a inclusão de instrumentos como guitarras elétricas e baterias em seu cotidiano, discos que eram ouvidos em volumes altos.

As conflituosas relações poderiam existir entre os vizinhos suscitadas pelos altos volumes dos discos, das guitarras e baterias. Os jovens usavam as garagens ou quartos vagos de suas casas para ensaios, enquanto não disponibilizavam de estúdios de gravação. A

conflituosa relação com os vizinhos fora suscitada pelo alto volume do som destinado aos ensaios. Os Paralamas do Sucesso registram seus primeiros ensaios numa atmosfera familiar atípica, visto que os ensaios eram incentivados pela avó de Bi Ribeiro a letra de “Vovó Ondina” uma homenagem à avó de Bi Ribeiro descreve alguns episódios ocorrido em dias de ensaio:

Silêncio meninos! Toquem mais baixo/Que o velhinho aqui de baixo está doente de dar dó/E o rock rolava na casa da vovó /Chamaram a polícia - mas que barra! /Desliga essa guitarra que a coisa /Está indo de mal a pior /São trinta soldados contra uma vovó /É gente fina - vovó Ondina /É gente fina - vovó Ondina/ São trinta soldados contra uma vovó /Estamos na rua desalojados /Pra ganhar alguns trocados /Temos que tocar forró Vovó Ondina é gente fina /Valeu vovó!(“Vovó Ondina”, letra de Herbert Vianna. Álbum “Cinema Mudo”. Paralamas do Sucesso, 1983)

Atitudes desafiadoras que ansiavam a liberdade da vida doméstica e o universo escolar estavam presentes nas composições. As letras traçam episódios da vida adolescentes, nos quais o comportamento impunha uma vontade própria: “O que eu queria, o que eu sempre queria / Era conquistar a minha autonomia/ O que eu queria, o que eu sempre quis/ Era ser dono do meu nariz/ Os pais são todos iguais/ Prendem seus filhos na jaula/ Os professores com seus lápis de cores/Te prendem na sala de aula/ Não aguentava o grupo escolar/Nem a prisão domiciliar. (“Autonomia”, letra: Marcelo Fromer, Arnaldo Antunes e Paulo Miklos. Álbum “Televisão”. Titãs, 1985).

Na primeira fase de composição destes letristas, o universo do adolescente ganhou espaço no discurso das letras. A escola é alvo de críticas na imagem do adolescente indisciplinado que foge às regras impostas:

Estou trancado em casa e não posso sair/Papai já disse, tenho que passar./Nem música eu não posso mais ouvir/ Assim não posso nem me concentrar/Não saco nada de Física/Literatura ou Gramática/Só gosto de Educação Sexual/E eu odeio Química/Não posso nem tentar me divertir/O tempo todo eu tenho que estudar/Fico só pensando se vou conseguir/Passar na porra do vestibular. (“Química”, letra de Renato Russo. Álbum “Cinema Mudo” Paralamas do Sucesso, 1983.)

A esfera familiar foi representada pela rotina, pela resistência em relação à opção de vida dos filhos e as novas formas de organização. A letra “Pais e filhos”, construída nas frases cotidianas ditas por pais e filhos, é uma das mais conhecidas da banda Legião Urbana. A

separação dos pais também é circunscrita na letra de forma a ressaltar um novo conflito vivido pelo adolescente. Outra questão expressiva é a referência ao suicídio tema incomum nas canções correntes. A letra marcou a mudança de estilo da banda Legião Urbana, a partir do álbum “As Quatro Estações”. Essa transformação evidenciou maturidade da banda tanto pessoal quanto profissional: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã./Porque se você parar para pensar, na verdade não há./Sou uma gota d'água/Sou um grão de areia./Você me diz que seus pais não entendem. /Mas você não entende seus pais”. (“Pais e filhos”, Legião Urbana, álbum “As Quatro Estações”, 1986.)

A pretensão em conquistar a independência é declarada numa mensagem simples e espontânea, marcada pela entrada para a maturidade e, em consequência, o abandono aos sentimentos infantis: “Havia um tempo em que eu vivia/ Um sentimento quase infantil/ Havia o medo e a timidez/ Todo um lado que você nunca viu”.(“A cruz e a Espada”, letra: Luiz Schiavon / Paulo Ricardo. Álbum “RPM”, 1985.)

Amor e Sexo

A busca do amor está presente na maior parte das letras e acompanha as bandas durante toda a década de 1980. As discussões sobre os sentimentos incluíam frequentemente temas que ilustravam a idealização do ser amado; os amores fracassados que desencadeavam o medo de amar e o descrédito frente às realizações amorosas e a saudade deixada pelo amor que partiu. Um número relevante de canções pode ser colocado nesta perspectiva. A princípio, na temática de relacionamentos, o amor era idealizado e esperado como a letra de Frejat e Cazuza sugere: “Eu quero a sorte de um amor tranquilo/ Com sabor de fruta mordida/Nós na batida, no embalo da rede/ Matando a sede na saliva/ Ser teu pão, ser tua comida/ Todo o amor que houver nessa vida/ E algum trocado pra dar garantia.

Este é também o grande momento dos letristas quando suas composições, gravadas por outros artistas, eleva essa geração como os novos compositores da música brasileira. “Codinome beija-flor”, faixa do primeiro álbum solo de Cazuza, é um exemplo desta valorização: “Pra que mentir/Fingir que perdoou/Tentar ficar amigos sem rancor/A emoção acabou/Que coincidência é o amor/A nossa música nunca mais tocou”.(“Codinome Beija-Flor” letra de Cazuza, Reinaldo Arias e Ezequiel Neves. Álbum “Exagerado”, 1985)

O bem humorado rock de “Loiras Geladas” atingiu sucesso de público e crítica no período. Segundo Dapieve, a música fez tanto sucesso nas rádios e nas danceterias que recebeu o primeiro remix da história do mercado fonográfico brasileiro: “Disfarça e faz que nem me viu/Não me ouviu te chamar/Desfaz assim de mim Que nem se faz com qualquer um./Agora eu sei/Passsei por cada papel/ E rastejei/Tentando entrar no seu céu (...). (“Louras Geladas”, letra de Paulo Ricardo. Álbum “RPM”, 1985).A linguagem simples, cotidiana e sem metáforas da canção “Eduardo e Mônica” alcançou empatia imediata entre os jovens. Uma história que prendia a atenção, um romance no qual as pessoas poderiam se identificar e aprender sobre variados temas via as informações que disponibiliza: “Quem um dia ira dizer/Que existe razão/Nas coisas feitas pelo coração?/E quem ira dizer/Que não existe razão?”(Eduardo e Mônica”, letra de Renato Russo. Álbum “As Quatro Estações”. Legião Urbana, 1986)

Política e sociedade

A esfera sócio-política, que até o ano de 1985 foi tema em especial das bandas oriundas de Brasília, começa a ser enfocada de forma mais direta pelas bandas de São Paulo e Rio de Janeiro. Em tais letras, registra-se uma série de notícias sobre a má reputação e atuação dos políticos e governantes. As letras chamam a atenção do ouvinte/leitor ao denunciar o discurso discriminador diante da condição social então vigente, remetendo aos anos da ditadura civil-militar. Escrita em 1978, “Que País é Este” com seu ritmo acelerado e apenas três acordes, foi a música de abertura de quase todos os shows da banda Legião Urbana:

Nas favelas, no senado/Sujeira prá todo lado/Ninguém respeita a constituição/Mas todos acreditam no futuro da nação/Que país é este.

No Amazonas, no Araguaia, na Baixada fluminense/No Mato grosso, nas Gerais e no Nordeste tudo em paz/Na morte eu descanso mas o sangue anda solto/Manchando os papéis, documentos fiéis/Ao escanso do patrão/Que país é este.

Terceiro Mundo se for/Piada no exterior/Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão/Quando vendermos todas as almas/Dos nossos índios num leilão./Que país é este.

As letras explicitam a influência do processo político pelo qual o país passara. A juventude que cresce durante o regime delineia uma visão de mundo onde não se manifestava

interesses aos projetos políticos. Segundo Dapieve, a sensação de impotência e de experiências frustradas fora registrada na letra de “Será”: “Será só imaginação?/Será que nada vai acontecer?/ Será que é tudo isso em vão?/Será que vamos conseguir vencer?”. O cenário mundial era de desesperança para as novas gerações. Desta abordagem, uma conotação nova à letra. Para aqueles jovens nada era certo! Os militares poderiam estar de volta a qualquer momento. A letra traz a idéia da angústia e a insegurança daquele período. Outro exemplo deste sentimento é a canção “Juvenilia” da banda RPM: “Sinto um imenso vazio e o Brasil/ Que herda o costume servil/ Não serviu pra mim/ Juventude/ Aventura e medo/ Desde cedo/ Encerrado em grades de aço”. (“Juvenilia”, letra de Paulo Ricardo e Luiz Schiavon. Álbum “RPM”, 1985.

Após a derrota da emenda Dante de Oliveira, líderes peemedebistas se articularam com parcelas do PDS e formaram a Aliança Democrática para disputar, em 15 de janeiro de 1985, as eleições para presidente da República no Colégio Eleitoral. Philippe Seabra rememora que, quando a emenda Dante de Oliveira foi recusada, este voltava de uma outra cidade para Brasília. Neste percurso, um episódio marca a origem da letra da canção “Proteção”, um dos maiores sucessos da Plebe Rude:

Eu havia composta a música “Proteção” para uma namorada, porém, não consegui escrever a letra. O que passou em Brasília e o projeto Dante Oliveira rejeitado no Congresso foi uma forte inspiração de primeira mão. Por estes dias viajava com um grupo de amigos do colégio a Angra. Na volta da viagem de graduação, o ônibus foi detido na entrada de Brasília. Porque Brasília foi tão bem planejada que em 5 minutos fecharam toda cidade. Há cinco entradas, ninguém entra, ninguém sai. Creio que corria rumores sobre um ônibus que estava inda à cidade com manifestantes. Porém nós não sabíamos porque nos reteram na rota. Aí um tipo subiu com uma metralhadora, apontando para a cara de todo mundo! A letra de proteção saiu no dia seguinte.

Será verdade, será que não/Nada do que eu posso falar/e tudo isso pra sua proteção/Nada do que eu posso falar/A PM na rua, a guarda nacional/Nosso medo sua arma, a coisa nao tá mal A instituição está aí para a nossa proteção Pra sua proteção. (“Proteção”, letra de Philippe Seabra. Álbum “O concreto já rachou”. Plebe Rude, 1985.)

Este misto de insegurança e incerteza trouxe à tona a participação popular em várias frentes de lutas. Dentre as manifestações, o importante episódio durante o processo de abertura política foi a criação da campanha “Diretas já”, em 1984, a qual contribuiu para participação das massas neste andamento da mudança do regime político nacional. Foi neste período que a música “Inútil” da banda Ultraje a Rigor foi composta, como vimos no primeiro capítulo. Escrita a partir de fatos relacionados ao país, ganhou cunho político e social quando Ulysses Guimarães, um dos principais líderes políticos, declarou que enviaria uma gravação de “Inútil” para o então general-presidente João Figueiredo. A letra tem por principal característica a ironia crítica à frase pronunciada por João Figueiredo na época: “Um povo que não sabe nem escovar os dentes não está preparado para votar”. Proibida de ser veiculada pela censura passou a ser conhecida quando reproduzida para 10 mil pessoas, no primeiro comício pré-eleições direta em São Paulo. A música surpreendeu os formadores de opinião em todo o país e tornou-se um dos hinos da campanha “Diretas Já”: “Inútil é a música mais expressiva em termos de protesto explícito. Não há figuras de linguagem: é tudo seco, direto, objetivo e claro. Está tudo nas letras das canções. Este era o foro de debate estético e político desta época”.(Entrevista com Arthur Dapieve- jornalista, crítico musical e professor PUC-Rio- realizada por Aline Rochedo em novembro de 2009)

A gente não sabemos escolher presidente/A gente não sabemos tomar conta da gente/A gente não sabemos nem escovar os dentes/Tem gringo pensando que nós é indigente/Inútil/A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar/A gente faz trilho e não tem trem prá botar/A gente faz filho e não consegue criar/A gente pede grana e não consegue pagar/A gente faz música e não consegue gravar/A gente escreve livro e não consegue publicar/A gente escreve peça e não consegue encenar/A gente joga bola e não consegue ganhar.(“Inútil”, letra de Roger Moreira. Álbum “Nós vamos invadir sua praia”. Ultraje a Rigor, 1984.)

Outra música que ganhou cunho político foi “Pro dia nascer feliz” de Frejat e Cazusa. No mesmo dia das eleições diretas para presidente, durante o “Rock in Rio” Cazusa a cantou em comemoração à eleição de Tancredo Neves, o novo presidente da República. A canção, entoada por 30 mil pessoas, passou a ter um novo significado:

Todo dia a insônia me convence que o céu/o ficar infinito/E que a solidão é pretensão de quem fica/Escondido fazendo fita/ Todo dia tem a hora da

sessão coruja/Só entende quem namora/Agora 'vão bora'
Estamos meu bem por um triz /pro dia nascer feliz /O mundo acordar e a
gente dormir, dormir/Pro dia nascer feliz/Essa é a vida que eu quis
O mundo inteiro acordar e a gente dormir(...).

A morte de Tancredo Neves e a criação da nova Constituição Brasileira em 1988 sinalizaram mudanças nos rumos políticos do país. Na economia o governo democrático desenvolveu vários planos econômicos, como o Cruzado em 1986, que visavam o controle da inflação. Tais planos não obtiveram sucesso e foram incapazes de eliminar a inflação. Neste período, a problemática sociopolítica é discutida nas bandas. Os jovens letristas, que outrora abordavam a questão raramente, começam a registrar no cenário musical composições que retratavam uma sociedade violenta, opressora e injusta como responsável pelas desigualdades sociais que atingira os menos favorecidos. Nota-se uma crescente preocupação social dos jovens que, paradoxalmente, eram filhos da classe média, que apoiou e posteriormente se volta contra a ditadura.

O sentimento de descrença predominou na juventude que desejava que seu país retornasse a perspectiva de um futuro e um presente democrático. A ilegalidade, a miséria e descrédito político foram fonte de inspiração para as canções nos últimos anos da década 1980. A ação política, não é retratada como atuação política, uma vez que se esgota na frustração e na descrença nos partidos e na própria sociedade.

Considerações

Ademais da esfera do cotidiano jovem, assuntos diversos foram abordados nas letras das bandas analisadas, incluindo a complexidade de temas como o homossexualismo e drogas. Ressalto a importância em esclarecer que esta é apenas uma breve visão dentre as múltiplas possibilidades de leitura. Sendo a canção uma linguagem ambígua, desfruta de quantidade de interpretações múltiplas. Mesmo falando dos problemas comuns da sociedade, e pertencendo à classe social que tanto criticavam, as letras das canções citadas revelam a necessidade de uma geração em transmitir sua mensagem. Estabeleceram um relacionamento recíproco entre os leitores/ouvintes, pois representavam a voz do próprio jovem, compartilhando suas experiências através de suas composições.

Nos dias atuais ainda agrupam elementos de identidade e de uma parcela de jovens que transcende os limites sociais, temporais e diferenças geracionais. Denunciam os questionamentos e as inquietações próprios da juventude, tendo a letra como objeto de comunicação entre o letrista/compositor e o leitor/ouvinte, em um processo de reciprocidade entre a musicalidade, o texto e quem o lê.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Anotações finais. In: Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALEXANDRE, Ricardo. Dias de Luta. O Rock e o Brasil dos anos 80. Ed. DBA
- ALZER, Luiz André & CLAUDINO, Marina. Almanaque dos anos 80: Lembranças e curiosidades de uma década muito divertida. Rio de Janeiro. Ediouro, 2004
- BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.
- BRYAN, Guilherme. Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena. Bibliografia sobre juventude. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CARMO, Paulo Sérgio do. Culturas da Rebeldia. São Paulo: Senac, 2001.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. “O mito da Rebeldia da Juventude, uma abordagem sociológica” in: Educação em debate. Fort, 13(1):jan/jun, 1987.Pp. 11-23
- CHACON, Paulo. O que é Rock. São Paulo: Nova Cultural, Brasiliense, 1985.
- CORRÊA, Tupã G. Rock, nos Passos da Moda. Mídia: Consumo X Mercado. Campinas, Papirus, 1989.
- DAPIEVE, Arthur (1995). Brock: o rock brasileiro dos anos 80. Rio de Janeiro: Editora 34,1995.
- _____. Renato Russo: O Trovador Solitário. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2000.

- DAPIEVE, Arthur e VALLADARES, Maurício. Os Paralamas do Sucesso. Rio de Janeiro, Senac editora, 2006.
- FRIEDLANDER, PAUL. Rock and Roll: Uma História Social. Tradução de A. Costa. 4º ed, RJ: Record, 2006.
- GUERREIRO, Goli. Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro, Salvador, UFBA.1994
- MARCHETTI, Paulo. O Diário da Turma 1976-1986 História do Rock de Brasília. Ed. Conrad, 2001.
- MOTTA, Nelson. Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NEVES, Ezequiel. Barão Vermelho: Por que a gente é assim. São Paulo. Editora Globo. 2007.
- NOVAIS, R. “Juventude , conflito e sociedade”.In: Comunicações do ISER, nº 50, ano 17, 1998.
- PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950.” in: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs). História dos Jovens. A época contemporânea. São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp.319-382
- PUJOL.Sergio. Rocy y Dictadura. Crónica de una generación. Ed. Booket. Argentina, 2007.
- QUADRAT, Samantha. “El brock y la memoria de los años de plomo en Brasil democrático.” IN JELIN, Elizabeth y LINGONI, Ana (orgs.). Escrituras, imágenes y escenarios ante la represión. Madrid, Siglo XXI, 2005, pp. 93-117.
- RUSSO, Renato. Conversações com Renato Russo, Campo Grande: Letra Livre. 1996.
- SALAS. Fabio. El grito del amor- Uma actualizada historia temática del rock.Ed. Coleccion entre Mares. Chiile. 1998.
- SHAPIRO, Harry. História del rock y las drogas. Ed. Robinbook, Barcelona, 2006.
- VELHO, Gilberto. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade”. In ALMEIDA, M e EUGENIO, F.(Orgs). Culturas jovens: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.